

FÁBULAS DO “CONSOLO DOS PODEROSOS”

FABLES FROM “CONSOLATION FOR THE RULERS”

Mamede Mustafa Jarouche¹

Pedro Martins Criado²

Resumo: Composto no século XII na Sicília muçulmana pelo letrado mequense Muhammad Ibn Zafar (1104-1169), o "Consolo dos Poderosos" se insere na longa linhagem, fundada por Ibn Almuqaffa' no século VIII, de tratados políticos que se apresentam na forma de aconselhamentos aos reis e potentados para os quais foram escritos. Tais tratados eram acompanhados de amthal, "exempla", que podiam adquirir a forma de anedotas históricas ou semi-históricas, e, mais raramente, de fábulas. No presente trabalho, são traduzidas as fábulas constantes do capítulo quarto (ou "consolo quarto") desse trabalho, o único espelho de príncipes em árabe produzido na Sicília.

Palavras-chave: Fabulários árabes. Tratados políticos em árabe. Narrativa árabe. Ficção em árabe. Espelhos de príncipe.

Fonte: Edição crítica de Muḥammad Damaj, publicada em Beirute no ano de 1995, pp. 257-268.

Abstract: Composed in the 12th century in Muslim Sicily by the Meccan scholar Muhammad Ibn Zafar (1104-1169), the “Consolation for the Rulers” is one of a long lineage, founded by Ibn Almuqaffa' in the 8th century, of political treaties in the form of advice to kings and potentates for whom they were written. Such treaties were accompanied by amthal, "exempla", which could take the form of historical or semi-historical anecdotes and, more rarely, fables. In the present work, there are translated fables contained in the fourth chapter (or “fourth consolation”) of that work, the only mirror of princes in Arabic produced in Sicily.

Keywords: Arab fabularies. Political treaties in Arabic. Arab narratives. Fiction in Arabic. Mirrors of prince.

Source: Critical edition by Muḥammad Damaj, published in Beirut in 1995, pp. 257-268.

¹ Professor de Língua e Literatura Árabe do DLO/FFLCH/USP.
Email: <jarouche@usp.br>.

² Mestre em Cultura Árabe e doutorando do LETRA (FFLCH/USP).
Email: <pedromartinscriado@gmail.com>.

O livro *Sulwān almuṭāc fi ʿudwān alʿatbāc*, “Consolo dos poderosos quando da traição dos comandados”, insere-se na longa linha de tratados políticos produzidos na cultura árabe islâmica a partir do século VIII d.C. Inaugurado pela hábil e renomada pena de ʿAbdullāh Bin Almuqaffa^c (m. c. 757), esse gênero, que nas letras árabes foi denominado como *alʿādāb assulṭāniyya*, correlato em árabe do “espelho de príncipes” ocidental. Normalmente, tais tratados eram escritos sob o patrocínio de algum líder político, ou dedicados a ele, em busca de proteção, reconhecimento e subvenções.

Esquemáticamente, tais tratados contornavam a espinhosa tarefa de discorrer sobre o poder ao poder por meio da adoção de uma linguagem diplomática e não raro alusiva, e buscavam ser o mais possível genéricos, falando quase sempre por meio de universais e se subtraindo à especificidade das questões concretas do momento. O tom era em geral grave e aconselhador, encarecendo a necessidade da manutenção da ordem e da existência de um poder centralizado que fosse, ao mesmo tempo, justo e rigoroso.

O “Consolo dos Poderosos” foi escrito na Sicília por volta de 1150 d.C. pelo polímata mequense Muḥammad Bin ʿAbdillāh Bin Muḥammad Bin Zūfur (1104-1172), exemplo característico do “letrado viajante”, curioso das coisas do mundo islâmico. Foi escrito na Sicília, à época dominada pelos muçulmanos, porque o seu autor, que fazia uma viagem pelo Ocidente islâmico, viu-se forçado a buscar refúgio nessa ilha após os normandos invadirem a cidade tunisiana de Mahdiyya, onde ele se encontrava. Ibn Zūfur permaneceu alguns anos na ilha, e esse foi um dos períodos intelectualmente mais férteis de sua existência. Desafortunadamente, a ilha caiu afinal nas mãos dos normandos, forçando o nosso autor a um novo ciclo de viagens: Egito e Síria, estabelecendo-se na cidade de Alepo, onde passou a lecionar, mas por pouco tempo, porque uma guerra civil entre sunitas e xiitas estalou na cidade, obrigando-o a refugiar-se em Hama, onde foi bem recebido pelas autoridades e se dedicou de modo quase ininterrupto à escrita até o seu falecimento, numa data que, entre os historiadores, varia de 1169 a 1172. As desditas pelas quais Ibn Zūfur passou jamais o fizeram perder o bom humor e o vigor, pois ele as considerava uma espécie de “imposto” que todo homem culto deve pagar no decurso de sua vida.

O “Consolo dos Poderosos”, dedicado ao líder das tropas muçulmanas na Sicília, Muḥammad Bin Abī Alqāsim ʿAlī Bin ʿAlawī Alqurašī, apresenta um modo de composição relativamente original para o gênero do qual faz parte: é dividido em cinco capítulos, ou “consolos” (*sulwāna*), cujos temas são, respectivamente, a “delegação de poderes” (*tafwīḍ alʿumūr*), a “resignação” (*taʿassī*), a “paciência” (*ṣabr*), a “satisfação” ou “contentamento” (*riḍān*) e, por fim, o “ascetismo” ou “renúncia às coisas mundanas” (*zuhd*). Embora

aparentemente escrito às pressas, por estar o autor premido pelas circunstâncias, trata-se de um texto denso que evidencia excelente conhecimento, por parte de Ibn Zúfur, dos princípios que regravam o gênero, tendo gozado boa difusão em seu tempo, e chegando mesmo a ser traduzido ao persa e ao turco, além de, mais recentemente, ao italiano.

No pequeno esboço que ora apresentamos, optamos por traduzir algumas das fábulas constantes do “Consolo dos Poderosos”, que se encontram em seu quarto capítulo, o da “satisfação” ou “contentamento”.



Fig. 1. Ibn al-Muqaffa. *Kalīla et Dimna*. Bibliothèque Nationale de France, 1876, p. 194, disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b84229611/f115.item>>, acesso em: 21/12/2021.

O urso e os macacos³

Conta-se que um urso costuma passear por uma floresta com muitas árvores frutíferas, e na qual viviam macacos. Notando a capacidade desses macacos em subir nas árvores e se pendurar em seus galhos para colher as melhores frutas, o urso cogitou capturar um dos macacos para obrigá-lo a colher frutas para si; com tal propósito, subiu numa árvore e se jogou dela,

³ Traduzido da edição crítica de Muḥammad Damaj, publicada em Beirute no ano de 1995, pp. 257-268.

enquanto os macacos o observavam, pondo-se então a urrar de dor e a se revirar longamente. Em seguida, fingiu-se de morto: parou de gemer, abriu a boca e segurou a respiração. Os macacos se reuniram para vê-lo, e um deles, o mais resoluto, disse:

– Não podemos excluir a possibilidade de que este urso esteja fingindo e trapaceando. A solução mais resoluta é o deixarmos para lá e ficarmos atentos com ele. Mas, se for mesmo imperioso que nos aproximemos, vamos colher lenha, colocá-la em torno dele e atear fogo. Se de fato estiver fingindo, será desmascarado, e, se estiver morto, não nos fará mal nenhum queimá-lo, pois já se dizia: “A mais justa decisão entre os contrários é o distanciamento, a antipatia, a oposição e o dar-se as costas mutuamente”. Também se dizia: “Não pise uma terra pisada por seu inimigo, e quando o fizer que seja com firmeza, cuidado, prevenção e ferocidade, jamais se iludindo com o fato de ele haver abandonado essa terra e dela se afastado, pois talvez o seu inimigo tenha ali preparado redes e montado armadilhas para pegar você”. E se dizia, ainda: “Nunca tente enganar o seu inimigo sem estar armado, preparado e precavido, e nunca se deixe iludir pelo fato de ele se render e depor armas, pois nem toda arma é visível a olho nu. Já ocorreu de um monge, assim agindo, ter iludido um ladrão e alcançado seu intento.

Os macacos disseram:

– Conte-nos sobre isso!

Ele disse:

O monge e o ladrão

Conta-se de certo monge virtuoso que vivia em extrema devoção num eremitério situado nos limites da cidade de Lataquia, na Síria. Era um velho já entrado em anos, a quem a contínua adoração a Deus exaurira. Os cristãos lhe levavam muitos donativos, que o monge aceitava e dava aos pobres, pois era muito ascético em relação aos bens materiais.

Certo dia, um ladrão, vendo a quantidade de donativos com que o monge era agraciado, cogitou escalar o muro do eremitério, supondo que ali dentro poderia roubar muita coisa. Em dada noite, entabulou uma artimanha e escalou o muro, topando então com o monge em sua casa de devoção. Encontrou-o rezando à luz de um lampião que iluminava o local. O ladrão gritou para o monge:

– Prepare-se para morrer, velho, antes que eu corte a sua cabeça!

Voltando-se, o monge viu o ladrão, que era um jovem de forte compleição, com uma espada desembainhada, e percebeu que não poderia enfrentá-lo. Interrompeu a reza e correu

para um dos lados da casa em cuja parede havia uma portinhola na qual o monge enfiou a cabeça, pondo as mãos para trás, tal como se faz com o manietado.

Ao ver que o monge se rendera e escondera a cabeça, o ladrão ergueu a espada e avançou em direção a ele para matá-lo, mas o solo se abriu sob os seus pés e ele caiu no porão do eremitério, ficando bastante machucado; permaneceu ali sem encontrar escapatória do lugar onde caíra, até que amanheceu, quando então o monge o denunciou e o ladrão foi levado e crucificado.

O monge havia escavado, no caminho para a portinhola, um buraco sobre o qual pusera uma tampa que girava, por meio de um parafuso, quando se pisava nela, e a cobrira com alguns tecidos que tinha em casa. Quando fugira em direção à portinhola, o monge havia evitado pisar naquele ponto, pulando por saber exatamente onde ficava, e assim não pôs os pés na tampa. Mas o ladrão, que nada sabia daquilo nem utilizara o cuidado e a prevenção, havia confiado apenas no que via, ou seja, na rendição do monge, sem perceber que este preparara uma arma imperceptível a olho nu.

Ao ouvirem a história que o resoluto lhes contara, os macacos desistiram de se aproximar do urso e se espalharam para ajuntar lenha a fim de queimá-lo. Apareceu então um macaco tolo que não estava presente quando a discussão se iniciara nem ouvira o que havia dito o macaco resoluto; aproximou-se do urso e encostou a orelha em seu nariz para ouvir-lhe a respiração; o urso o agarrou, pegou um galho de bambu, amarrou uma ponta na cintura do macaco, segurou firmemente na outra ponta, e o obrigou a subir nas árvores a fim de lhe colher os melhores frutos. O macaco permaneceu nessa atividade até o final do dia, quando então o urso se dirigiu a uma caverna, enfiou-o lá dentro e tapou a entrada com uma pedra. Ao amanhecer, foi até o macaco, tirou-o da caverna e foi até a floresta, onde mais uma vez o forçou a colher frutas o dia inteiro. Em seguida, levou-o até a caverna e o prendeu lá. O macaco ficou nessa condição por um bom tempo: ele no pior dos estados e no mais terrível desgaste, e o urso com os seus objetivos alcançados. Durante o dia, o macaco servia o urso, e à noite dormia na prisão.

Costumava-se dizer: Quem se mete no que não lhe diz respeito submerge no que não lhe traz proveito. Também se dizia: Os desejos do inteligente estão a serviço do seu pensamento; assim, ele pensa sobre algum desejo que tenha, examinando-lhe os princípios e as conseqüências, e o administra por meio do bom parecer, ao passo que o pensamento do idiota é que está a serviço dos seus desejos, e toda vez que lhe ocorre algum desejo, ele passa ao largo da forma correta de atingi-lo, sem que nada consiga impedi-lo de ir em frente. E se dizia, ainda: Por menor que seja, a carga imposta pelo inimigo se torna dificultosa, porque os espíritos

sofrem muito mais do que os corpos, e assim o prejuízo decorrente disso se torna mais abrangente, ao contrário da carga imposta pelo ser amado, porque os espíritos se deleitam com tal carga, e nela investem os seus corpos.

Enfim, o macaco, após refletir sobre a sua situação, concluiu que a eficiência dos seus serviços ao urso é que o impedia de escapar. Arrependido com tal eficiência, percebeu que não se salvaria senão por meio de uma artimanha, e para tanto refletiu longamente a respeito, até que descobriu o melhor a fazer.

Costumava-se dizer: Se o desejo do escravo estiver morto, e seu pensamento for estúpido, e baixos os seus desígnios, nesse caso estará à mercê do seu dono. Contudo, a ausência de tais características se constituirá num bom aliado, mais dono dele do que o seu próprio dono. Isso porque, caso seu desejo esteja em movimento, ele agirá no sentido de obedecer-lhe, e se acaso ele pensar bem, conseguirá direcioná-lo para safar-se da exaustão e salvar-se do cativeiro e daquela interminável deambulação. Quando seus desígnios se elevaram, encheu-se de cólera, orgulho e rancor, passando a administrar o que desejava, e não o que desejava o seu senhor.

Uma das trapaças que o macaco urdiu era fingir que estava com a vista fraca, e por isso ele passou a jogar frutas em mau estado para o urso, que o admoestou por isso, mas ele não se corrigiu; o urso então o surrou, e nem assim ele parou com aquilo. Quando aquela rebeldia já se prolongava, urso lhe disse: “Já me cansei de te admoestar e surrar. Agora cogito devorar você, pois já não tem utilidade para mim. Costumava-se dizer: ‘Se entre aqueles que te servem só encontras indecorosos, serve-te a ti mesmo e não te sirvas deles, caso contrário isso carreará ao teu coração agruras muitas vezes maiores do que o teu corpo poderá suportar’”.

O macaco disse: “Não sou indecoroso como você descreve, e se acaso você me matar, irá se arrepender tal como o moleiro se arrependeu de ter matado o seu asno”. O urso disse: “Conte-me a respeito”. O macaco disse:

O jumento, o moleiro e sua mulher malvada

Conta-se que um moleiro tinha um jumento que utilizava na moenda, bem como uma mulher malvada que ele amava. Mas essa mulher amava o vizinho, o qual a detestava e a desfrutava. Certa feita, em sonhos, o moleiro viu alguém que lhe dizia: “Escave no lugar tal do moinho e você encontrará um tesouro”. Relatou esse sonho à mulher, ordenando-lhe manter segredo.

Já se dizia: “Quem alega obter conforto ao revelar segredos a outrem põe em suspeita a sua própria inteligência, uma vez que o sacrifício de manter o segredo e evitar revelá-lo a alguém é menor do que o sacrifício causado pela preocupação com sua divulgação após ser revelado”.

Dizia-se também: “Duas coisas subtraem a completa liberdade do homem: aceitar favores e revelar segredos”. A explicação disso é a seguinte: ao aceitar os favores de alguém, você se impõe a sujeição a essa pessoa, e a generosidade amolece o ser humano. Dá-se o mesmo com aquele a quem você revela os seus segredos, pois os seus cuidados com a possibilidade de que sejam divulgados lhe impõe uma crença humilhante nessa pessoa.

Dizia-se, igualmente: “A mulher é capacitada a cuidar de uma casa, fazer comida, criar filhos, dirigir uma tecelagem, e satisfazer ou provocar excitação, e quem a associar aos seus interesses e lhe revelar seus segredos ficará ligado ao mundo dela, ao passo que está acima das forças dela ligar-se ao mundo dele”.

Tão logo o moleiro contou o seu sonho à mulher, ela informou o vizinho pelo qual estava apaixonada, aproximando-se assim do seu coração; combinaram dirigir-se ao local à noite a fim de se ajudarem na escavação, e assim foi feito: encontraram então o tesouro e o retiraram. O vizinho perguntou: “O que faremos com esse dinheiro?” Ela respondeu: “Vamos dividi-lo em duas partes iguais, e cada qual leva a sua metade para casa. Você se separa da sua mulher, enquanto eu arranjo um modo de me separar do meu marido, e em seguida nos casamos. Quando isso se der, o dinheiro estará novamente junto e nas nossas mãos”.

O vizinho disse: “Receio que a riqueza vire a sua cabeça e você se case com algum outro, pois já se dizia: ‘O ouro em casa é como o Sol no mundo’. Também se dizia: ‘Quem atinge riquezas acima de suas possibilidades passa a negar seus conhecidos’. E ainda: ‘A riqueza corrompe as mulheres, porque o seu desejo derrota a sua inteligência’. E mais: ‘Não permita que o seu filho, a sua mulher e o seu criado tenham mais do que o suficiente, pois a obediência deles depende da necessidade que tenham de você’. Por isso, o melhor parecer é que a totalidade do dinheiro fique em minha posse, a fim de que você trate de se livrar do seu marido e se case comigo”.

A mulher disse: “Pois eu temo de você o mesmo que você teme de mim. Não vou lhe entregar a minha parte do dinheiro. Não me inveje a parte que me cabe, pois fui eu que lhe indiquei onde estava. Já se dizia: ‘Só se agradece pela justiça e pela equanimidade devido à corrupção do tempo, uma vez que o agradecimento se impõe quando alguém abre mão de um direito que é seu, mas quem dá o direito ao seu dono deveria ser louvado, e não receber agradecimentos”.

Ao ouvir tais palavras, o vizinho, levado pela cupidez, ganância e preocupação com a intriga, matou a mulher e a jogou onde estava o tesouro. Surpreendido pelo amanhecer, não pôde ocultá-la, e saiu carregando o dinheiro. O moleiro entrou logo depois, amarrou o asno na roda da moenda e gritou com ele; o animal deu alguns passos e, topando com o buraco e morta dentro dele, estacou. Ignorando o que o impedia de continuar, o moleiro chicoteou violentamente o asno, que se encolheu, sem conseguir avançar. O moleiro pegou uma faca, aplicou-lhe vários golpes e, explodindo de cólera, deu-lhe na cintura um golpe que o atravessou e matou.

Quando a claridade matinal se espalhou, o moleiro viu enfim o buraco e encontrou a mulher morta lá dentro. Retirou-a, viu os restos do tesouro e se amargurou intensamente pela perda do tesouro, assassinato da mulher e morte do asno, e então se matou.

Ao ouvir as palavras do macaco, o urso disse: “Para mim, nessa história, ficou clara a justificativa do asno. Mas e você, qual a sua justificativa?” O macaco respondeu: “Minha justificativa quase não se oculta para quem tenha uma inteligência sagaz. Porventura você não percebeu que minha vista está fraca? Receio perdê-la completamente! Se você quiser o bem da minha vista, isso está em suas mãos”. O urso disse: “Quem poderia me ajudar a salvar a sua vista, se de fato isso redundar em algum bem para mim?” O macaco disse: “Existem muitos médicos, mas o inteligente não se medica de sua doença senão com quem é de sua pertença. Os macacos daqui têm um médico, que vive nesta terra, o qual eles descrevem como sendo hábil diagnosticador e ascético em relação aos bens mundanos. Encontrá-lo vai me fazer recuperar a saúde, e consultá-lo vai me trazer alívio”.

O urso atendeu-lhe o pedido. O macaco queria falar com outro macaco, conhecido por sua aleivosia e esperteza. Quando chegaram, o macaco espertalhão fugiu para se esconder do urso, escalando uma árvore em cujo cimo se acomodou. Com o urso lá embaixo, o macaco espertalhão gritou: “O que vocês querem?”, e então o urso lhe relatou a doença do seu criado, que o procurava para medicar-se. O macaco espertalhão disse: “Deixe-o subir até aqui para que eu lhe examine os olhos”. O urso estendeu o bambu no qual estava amarrado seu criado, que subiu até lá. O espertalhão começou a olhá-lo nos olhos e lhe perguntou qual era a sua história com o urso. O macaco capturado lhe pediu que sugerisse alguma astúcia para se safar do urso, e o espertalhão lhe disse: “Vou fazer o urso ficar acordado à noite, e aí então você elabora uma artimanha para aproveitar a oportunidade quando ele pegar no sono. Fique alerta para que ele não finja estar dormindo a fim de testar você”, e em seguida ordenou ao macaco capturado que descesse, e ele desceu.

Então o macaco espertalhão se dirigiu ao urso dizendo: “Eu devo descrever a doença dos olhos desse seu escravo antes de prescrever o remédio, pois é impossível obter o remédio se se ignora a doença. Saiba que o corpo dos macacos é sadio, e sua carne, parca; a sagacidade e o entendimento deles se acendeu porque eles resolvem suas questões dormindo pouco, e dispendem os seus esforços à noite. Já se dizia: ‘O excesso de sono acarreta a destruição e subtrai os anos de vida’. E ainda: ‘Quem dorme demais perde demais’. E mais: ‘Não é correto dizer que o extremo da generosidade consiste na indulgência da alma para consigo mesma, pois se isso fosse correto o mais generoso dos generosos seria quem dorme demais, pois é indulgente com sua própria vida, para a qual não há substituto nem se encontra compensação’. Quando você tirou este seu escravo dos seus hábitos, introduziu nele a corrupção, tal como aconteceu com o pássaro que foi capturado para a filha do rei”.

O urso disse: “Conte-me sobre isso”. O macaco espertalhão disse:

A princesa e o pássaro aprisionado

Conta-se que certo rei grego tinha uma filha que ele muito amava, mas que, acometida pela melancolia, passou a sofrer de várias doenças, chegando ao ponto de parar de comer e de medicar-se. Seu médico determinou então que ela fosse transferida para um lugar elevado, de onde pudesse contemplar um garboso jardim com água corrente, e isso foi imediatamente providenciado.

No dia em que a transferiram para lá, a jovem viu, ali do alto, um pássaro dotado de todas as cores e belezas. Estava pousado numa videira de cujas uvas comeu, e depois cantou maravilhosamente, com timbres musicais de várias espécies. Contento de ver e ouvir o pássaro, a jovem voltou a se alimentar.

Já se dizia: “Os melhores timbres musicais são os ouvidos de belas figuras, pois mexem conjuntamente com a vontade e a emoção, e então as duas forças se congregam, atuando como remédios compostos, que são mais eficazes e têm efeito mais forte do que os remédios simples”.

Mas o pássaro foi embora, célere, não retornando naquele dia. Transpareceu na filha do rei a preocupação com tal desaparecimento. No dia seguinte, quando o pássaro retornou à videira na mesma hora do dia anterior, a jovem se alegrou; jubilosa e confortada, comeu e bebeu. O pássaro foi embora como no dia anterior, e então ela recaiu na preocupação por causa do seu desaparecimento.

Informado daquilo, o rei ordenou que o pássaro fosse capturado, e assim foi feito. Colocaram-no então numa gaiola e o deram de presente para a jovem. Muito feliz, ela comeu e tomou remédios. O médico viu que ela recuperava as forças, e retomou o tratamento com o propósito de curá-la definitivamente, sem, no entanto, saber da relação dela com o pássaro, que permaneceu com ela alguns dias sem cantar nem comer nada, e sua beleza começou a se alterar. A jovem recaiu em seu mau estado, e começou a se esvaír de preocupação com o pássaro, o que se acrescentou à sua própria doença. Ao saber daquilo, seu pai se arrependeu de ter mandado capturar o pássaro.

Já se dizia: “Não seja discípulo de quem se apressa em responder questões antes de pensá-las e refletir sobre as suas derivações, e sem se preparar para refutar as objeções possíveis às suas respostas, ou para aquilo a que seu adversário o obrigará a dizer ao contestar as bases do que diz. Tampouco se deve consultar o idiota que não passou dos princípios elementares das opiniões para as suas consequências. Ao contrário, você deve ser discípulo de quem reflete sobre os fins antes de responder sobre os inícios, assim como deve consultar o homem experimentado que analisa a essência e a aparência das questões, conhecedor de seus princípios elementares e de suas consequências”.

Quando o médico tomou conhecimento da deterioração do estado da jovem, percebeu que se tratava de um sintoma que a acometera, e investigou a respeito. Soube da sua história com o pássaro, e ordenou que se colocassem redes cercando o jardim de alto a baixo, o que foi feito conforme as suas recomendações. Em seguida, soltou o pássaro no jardim, e quando ele retornou àquilo que se habituara e apreciava, recobrou a saúde e a beleza, e voltou a cantar. Com isso, o estado da jovem também melhorou, e ela se curou de sua doença.

Quando o macaco espertalhão concluiu a história, o urso lhe disse: “Ouvi a sua fala e compreendi a sua máxima. Ordene-me o que fazer pelo interesse deste meu escravo e eu cumprirei”. O macaco espertalhão disse: “Eu ordeno que você se demore no seu passeio até que decorra uma parte da noite, pois isso implicará um aumento nos seus anos de vida, na sua alimentação e nos benefícios que colherá, e irá estimular a sua atividade e satisfação e multiplicar o prazer do sono, além de socorrer os interesses do seu criado”.

O urso lhe agradeceu pelo conselho e foi caminhar com o seu escravo, que lhe colheu naquele dia os melhores frutos. Quando anoiteceu, o macaco afetou uma grande atividade e bom humor, colhendo o dobro de frutas saborosas do que normalmente colhia. Permaneceu nisso até uma parte da noite, e então o urso o levou até a caverna e lá o aprisionou. No dia seguinte, conforme o costume, passou para pegá-lo.

Por vários dias o macaco fingiu, ao anoitecer, que sua vista estava mais forte, colhendo cada vez mais frutas saborosas, mas o urso não se permitia confiar nele; pelo contrário, previa trapanças de mentiroso embusteiro; assim, quanto mais o macaco fingia, mais o urso desconfiava.

Certa noite, quando o urso tencionava ir para casa, o macaco se pôs a retardá-lo dizendo: “Aqui há frutas saborosas”, fazendo-o de fato atrasar-se por causa de sua natureza voraz e gulosa. Era uma noite enluarada, e o urso planejou fingir o sono a fim de testar o macaco e avaliar o que supunha a seu respeito. Fingiu então estar dormindo e começou a roncar. Sem desconfiar da mentira, o macaco tentou sair em disparada, mas o urso o puxou com o bambu, usando de tamanha força que sua espinha se quebrou e o macaco morreu.



Fig. 2. Ibn al-Muqaffa. *Kalila et Dimna*. Bibliothèque Nationale de France, 1876, p. 257, disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b84229611/f115.item>>, acesso em: 21/12/2021.